

REFLEXÕES SOBRE A TIRANIA CAPACITISTA E CAMINHOS PARA PRODUÇÃO DE VIDA DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Giovanna Araújo Navarro¹;

¹Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC.

Sofia Haikal Moreira²;

²Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC.

Nathalia Ramos dos Santos³;

³Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC.

Mariana da Costa Castro⁴.

⁴Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC.

RESUMO: Este estudo tem como objetivo analisar as contribuições da ontologia do afeto proposta por Bader Sawaia (2009) para compreender a deficiência para além da lógica biomédica da falta e do sobrevivencialismo, em direção a produção de modos próprios de existência. Trata-se de uma revisão narrativa de abordagem qualitativa, de natureza básica e exploratória. A análise articula a ética dos afetos de Baruch Espinosa (Deleuze, 1988) e na perspectiva da defectologia de Lev Vygotsky (1997) evidenciando como o capacitismo e a fadiga de acesso, organizados como tirania, restringem a potência de agir. Enfim, conclui-se que a transformação do sofrimento em indignação e ação criativa possibilita a abertura para imaginação e criação de outras vivências coletivas que dissidem da norma, resistindo à servidão por meio da produção de afetos alegres.

PALAVRAS-CHAVE: Deficiência. Afetos. Capacitismo.

REFLECTIONS ON ABLEIST TYRANNY AND PATHWAYS TO THE PRODUCTION OF LIFE FOR PEOPLE WITH DISABILITIES

ABSTRACT: This study aims to analyze the contributions of the ontology of affections proposed by Bader Sawaia (2009) to understand disability beyond the biomedical logic of lack and survivalism, moving toward the production of singular modes of existence. It consists of a qualitative narrative review of a basic and exploratory nature. The analysis articulates the ethics of affects of Baruch Spinoza (Deleuze, 1988) and Lev Vygotsky's defectology perspective (1997), highlighting how ableism and access fatigue, organized as tyranny, reduces the power to act. Finally, it concludes that transforming suffering into indignation and

creative action enables an opening to imagination and the creation of alternative collective experiences that dissent from the norm, resisting servitude through the production of joyful affects.

KEYWORDS: Disability. Affects. Ableism.

INTRODUÇÃO

Este estudo propõe inserir a deficiência no cerne das discussões sobre as assimetrias sociais, sustentando que, de forma análoga à privação econômica, a experiência da deficiência é frequentemente confinada pelo modelo biomédico a uma lógica de sobrevivencialismo. Tal compreensão, enraizada nos critérios de funcionalidade corporal do capitalismo industrial, reduz o indivíduo a um organismo focado na manutenção funcional e na remediação de supostas falhas, o que acaba por suprimir sua potência de agir e sua riqueza subjetiva. Para contrapor a servidão imposta pela corponormatividade, este texto reivindica o direito à liberdade como um processo de expansão física e mental em direção à autonomia. Ao deslocar o foco da “superação” orgânica para a produção de vida, pretende-se apresentar como a diversidade sensorial de relação com o mundo opera como um esforço de resistência contra a inclusão perversa que invisibiliza a singularidade da vivência com deficiência.

Nesta análise, toma-se como referência central o trabalho de Sawaia (2009), intitulado “Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social”, que propõe uma superação da dicotomia entre objetividade e subjetividade ao investigar o “homem por inteiro”. A autora utiliza a teoria dos afetos de Espinosa (Sawaia, 2009) para demonstrar que a afetividade é o alicerce da ética, vinculando o pensamento ao corpo de maneira indissociável. Como afirma Oliveira & Fonseca (2018), “Nesta relação, o corpo não está inferiorizado e nem em oposição à alma, mas paralelo a ela, sendo dois atributos diferentes, entretanto com mesma importância” (p. 32). Segundo o filósofo, corpo e mente são atributos do ser humano. Portanto, se definem por sua capacidade de ação - da mente de produzir ideias e do corpo de afetar e ser afetado.

A capacidade de ação varia de intensidade a depender das afecções geradas nos encontros, sendo o humano constituído em constante transição de intensidade da potência (Sawaia, 2009). Conforme Moehlecke et. al (2013) “Spinoza (2009) salienta que os *encontros* consistem em uma espécie de abertura de um ente ao outro, o que permite ao corpo sofrer uma série de mudanças” (p. 859). Essas mudanças podem ser do aumento da capacidade de agir pelos afetos alegres ou diminuição da potência, pelas paixões tristes. Nesse sentido, o autor propõe uma ética dos afetos, cujo princípio se dá na liberdade pela alegria de viver e pela busca consciente por encontros que aumentam a potência da vida (Sawaia, 2009).

De acordo com Silva & Magliolino (2016), ao dizer dos afetos originados nos encontros, Espinosa enfatiza as relações sociais em sua perspectiva ética, inspirando também assim a teoria de Vygotsky. A subjetividade, para o autor, é uma constante produção que se dá na interação do sujeito com seu contexto e nas relações (Silva & Magliolino, 2016). Nesse sentido, a teoria ressalta como a mediação por meio da imaginação e da cultura é fundamental para que o sujeito transcenda as determinações imediatas e conquiste sua liberdade. Portanto, buscamos compreender as emoções e a capacidade criadora, apresentados por Sawaia (2009) em sua ontologia do afeto como eixos ético-políticos vitais para a ressignificação do cotidiano e a criação de novas formas de existência, para apreender a deficiência para além da lógica biomédica.

OBJETIVO

Analisar as contribuições da ontologia do afeto proposta por Sawaia, no texto denominado “Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social” (2009), para compreender a deficiência para além da lógica biomédica da falta e do sobrevivencialismo, em direção a produção de modos próprios de existência.

METODOLOGIA

O presente estudo é de abordagem qualitativa, de natureza básica e com caráter exploratório, configurando-se enquanto uma revisão narrativa, ao permitir compreender e discutir fundamentos teóricos e organizar um campo em transformação (moura et al., 2026). Este trabalho foi elaborado no primeiro semestre de 2026 para a disciplina Fundamentos históricos e epistemológicos da Psicologia, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia na Universidade Federal de Santa Catarina (PPGP/UFSC). A construção do percurso analítico fundamentou-se na articulação teórica entre a ontologia do afeto de Sawaia (2009), a ética dos afetos de Espinosa (Deleuze, 1988; Moehleck et. al, 2013; Oliveira; Fonseca, 2018) e na perspectiva da defectologia de Vygotsky (1997). Possibilitando problematizar o modelo biomédico tradicional e a lógica do sobrevivencialismo na deficiência (Sawaia, 2009). A análise buscou compreender como a mediação dos afetos e a reorganização das relações sociais permitem a transformação do sofrimento em ação criativa, afirmando a potência em agir e a produção de modos próprios de existência.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A corponormatividade como dispositivo de controle da potência

O capitalismo industrial inaugurou uma lógica de normatização que disciplinou os corpos segundo sua funcionalidade social: eram estruturas reguladas para garantir a produção econômica e a reprodução populacional. Assim, corpos considerados “incapazes”

foram classificados como deficientes — inadequados ao trabalho (Piccolo, 2024; Foucault, 1976). Dentro dessa perspectiva de controle, desenvolveu-se o modelo biomédico, que, conforme Diniz (2007), estabeleceu procedimentos médicos, diagnósticos e instituições — como manicômios, asilos, clínicas e escolas especiais — que marginalizam corpos desviantes ao redor da norma funcional.

O modelo biomédico historicamente dominou as interpretações sobre a deficiência, tratando o corpo com deficiência como um organismo defeituoso, cuja integração social dependeria da correção médica ou da reabilitação funcional. Quando essa correção não era possível, esses corpos eram frequentemente destinados à exclusão institucional, por vezes encarcerados em espaços que reforçaram sua invisibilidade. Essa abordagem, centrada na anormalidade corporal, reduziu a deficiência a uma condição individual, desconsiderando os contextos sociais que a produzem (Diniz, 2007). A partir disso, é possível compreender o que Preciado (2018) aponta como disputa política pela percepção: o modo como os corpos são entendidos e experimentados é regulado por tecnologias de poder que operam na cultura, na ciência e nas práticas institucionais.

Ao restringir as experiências validadas pela sociedade, a estrutura coletiva empurra a pessoa com deficiência para uma lógica de sobrevivencialismo. Essa racionalidade, articulada por Sawaia (2009), a partir de Deleuze, limita a existência humana aos seus aspectos puramente biológicos, priorizando a manutenção do organismo enquanto esvazia as potências da subjetividade. No entanto, o corpo é, Segundo Ferreira, (2008), “(...) socialmente construído e nele se materializa a relação sujeito x sociedade, tornando-se a arena onde acontecem os conflitos simbólicos que refletem questões do nosso tempo” (p. 472), sendo impossível segregá-lo dos afetos e da produção de subjetividade.

Nesse contexto, a pressão por padrões físicos sobre corporalidades dissidentes estabelece o que Espinosa define como servidão, apresentado por Deleuze (1988) como resultado da tirania que explora as paixões tristes dos sujeitos, efeito de encontros que atuam em decomposição com os indivíduos. Nesse estado, capturado por emoções como a insegurança e o rebaixamento social, o sujeito acaba por aceitar a própria marginalização como uma forma de autopreservação (Sawaia, 2009). A marginalização desses corpos remete ao conceito de fadiga de acesso, proposto por Annika Konrad (2021) que, a partir de uma perspectiva relacional, elucida o esgotamento enfrentado por pessoas com deficiência na busca por acesso e enfrentamento ao capacitismo, o que muitas vezes faz com que se desista do acesso em decorrência disso. O conceito de tirania apresentado se instaura nos corpos com deficiência pelo capacitismo. Conforme Anahí Guedes de Mello (2016), capacitismo é uma categoria “materializada através de atitudes preconceituosas que hierarquizam sujeitos em função da adequação de seus corpos a um ideal de beleza e capacidade funcional” (p. 3266). Desse modo, a tirania capacitista reduz a potência de agir das pessoas com deficiência.

Santos e Braga (2023) demonstram como a deficiência visual, por exemplo, tensiona essa supremacia ao evidenciar a pluralidade dos modos de perceber e produzir sentidos, permitindo problematizar a naturalização do olhar como principal via de acesso ao mundo e ampliar a compreensão acerca das múltiplas maneiras pelas quais os sujeitos se relacionam. Essa perspectiva aproxima-se da defectologia de Vygotsky (1997), para quem a deficiência não se reduz a uma limitação orgânica, mas implica uma reorganização das relações entre o sujeito e seu contexto social e cultural.

Sawaia (2009) ao retomar o conceito vygotskyano de zona de desenvolvimento proximal, destaca que o desenvolvimento humano não pode ser compreendido como resultado exclusivo das capacidades individuais, mas como um processo constituído nas relações sociais e nas mediações que ampliam as possibilidades de ação dos sujeitos. Nessa perspectiva, a aprendizagem e o desenvolvimento não se restringem à aquisição de habilidades, mas envolvem encontros capazes de transformar qualitativamente a maneira como os indivíduos se relacionam consigo, com os outros e com o mundo. Nesse movimento, Sawaia (2009) aproxima Vygotsky de Espinosa, compreendendo que tais mediações são atravessadas pelos afetos, os quais podem ampliar ou restringir a potência de agir e, conseqüentemente, as possibilidades de desenvolvimento e produção da vida.

Caminhos para a liberdade dissidente

Em suma, o enfrentamento da tirania capacitista exige, antes de tudo, compreender que o capacitismo atua como uma engrenagem de exclusão que restringe a autonomia e a vontade das pessoas. Para dismantelar essa condição, é necessário ultrapassar o estado de servidão, o que, conforme a filosofia spinozista, implica romper com a passividade das paixões tristes (Deleuze, 1988), como o temor e a humilhação oriundos da submissão aos padrões de normalidade impostos. A solução para essa opressão não reside apenas na mudança de normas externas, mas na reconfiguração do sistema afetivo que mantém o sujeito cativo de uma percepção de si baseada na falta (Sawaia, 2009; Deleuze, 1988).

A superação ocorre quando as paixões são substituídas pelos afetos, ou seja, conquista da alegria — entendida não como euforia passageira, mas como o efetivo aumento da força interna para existir e transformar a realidade (Sawaia, 2009). Para quem vivencia a deficiência, essa transformação traduz-se na legitimação de formas alternativas de apreensão do mundo que desafiam a corponormatividade. Ao reconhecer e validar sua dissidência como uma potência, o sujeito exerce seu conatus, termo que Espinosa utiliza para definir o esforço vital de perseverar na existência e expandir-se para além da mera sobrevivência biológica (Sawaia, 2009).

Essa estratégia ganha densidade com a contribuição de Vygotsky, que amplia a análise ao introduzir o papel da imaginação na conquista da liberdade. Para o autor, a liberdade plena exige que o sujeito seja capaz de projetar novos sentidos p a r a sua experiência, ultrapassando as determinações impostas pela biologia ou pelo passado

(Sawaia, 2009). Ao ressignificar a sua vivência, o sujeito com deficiência transforma o que a sociedade encara como limitação em ferramenta de criação. É através da reintegração da cognição e da afetividade que o indivíduo deixa de ser um objeto passivo de estudos e reabilitações para assumir a autoria de seus próprios processos de conhecimento. Essa ideia ganha forma prática com o trabalho de Kemp, Zanella e Nuernberg (2015), por meio de oficinas estéticas e lúdicas, as autoras mostram o quanto a diversidade sensorial é reorganizada pela imaginação para produzir novos sentidos e formas de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em última análise, a discussão apresentada por Sawaia (2009) permite concluir que a resolução do conflito entre a norma capacitista e a vida dissidente culmina em uma práxis ético-política. A autora sustenta que a busca pela felicidade e pela autonomia é, em essência, um movimento revolucionário, pois exige que a consciência resulte de uma decisão interior e independente. Essa resistência deixa de ser um esforço isolado para tornar-se coletiva, unindo diferentes conatus em prol do reconhecimento da diversidade humana. Ao transformar o sofrimento em indignação e ação criativa, os sujeitos subvertem a lógica da inclusão superficial e reafirmam que a verdadeira liberdade reside na possibilidade de estabelecer novos vínculos entre a mente, o corpo e a cultura, garantindo o direito a uma vida plena de significados.

Contudo, é possível identificar possibilidades de ampliação para pesquisas posteriores, como a interlocução com a ética do cuidado, adentrando as relações de cuidado e interdependência; com a teoria crip e o ideal do corpo capacitado (McRuer, 2024); entre outros estudos.

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, G. **Spinoza: Practical Philosophy**. New York: City Lights Books, 1988.
- DINIZ, D. **O que é deficiência?** São Paulo: Brasiliense, 2007.
- FERREIRA, F. R. A produção de sentidos sobre a imagem do corpo. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, v. 12, n. 26, p. 471-483, 2008.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramalhete. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. Disponível em: <https://www.uel.br/projetos/foucaultianos/pages/arquivos/Obras/VIGIAR%20E%20PUNIR.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2025.
- KEMP, L; ZANELLA, A. V.; NUERNBERG, A. H. **(Re)criação do olhar: oficinas estéticas com crianças com deficiência visual**. [S. l.: s. n.], 2015. Acesso em: 16 set. 2026.
- KONRAD, A. M. Access fatigue: The rhetorical work of disability in everyday life. **College English**, United States, v. 83, n. 3, p. 179-199, 2021.

MCRUER, R. **Teoria crip: signos culturais entre o queer e a deficiência**. Tradução por Anahí Guedes Mello e Olívia von der Weid. São Paulo: Papéis Selvagens Edições, 2024. 348 p.

MOEHLECKE, V.; FONSECA, T. M. G.; OLIVEIRA, A. M. Corpos que (se) trabalham: relações éticas na construção de si e do coletivo. **Educação & Realidade**, v. 38, n. 3, p. 855-871, 2013.

MOURA, G. C. DE; BARBOSA, C. R. DE A. C.; ROCHA, D. L. C. DA. revisão narrativa da literatura: guia metodológico com etapas, critérios de qualidade e aplicação. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar** - ISSN 2675-6218, v. 7, n. 7, p. e778566, 8 jul.2026.

OLIVEIRA, A. M.; FONSECA, T. M. G. Corpo, imanência e arte. **Vazantes: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes**, v. 2, n. 2, p. 29-47, 2018.

PICCOLO, G. M. Distantes, mas nem Tanto: Proximidades do Conceito de Deficiência na Defectologia de Vygotsky e no Modelo Social da Deficiência. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 30, e0071, p. 1-16, 2024. DOI: 10.1590/1980-54702024v30e0071. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/pwXB9JJmFkZzVhwNYJgpGgg/>. Acesso em: 23 set. 2025.

PRECIADO, P. B. **Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SANTOS, C. C.; BRAGA, Luiz P. S.. Deficiência visual, arte e inclusão: reflexões sobre a programação artístico-cultural do I Congresso Internacional do Instituto Benjamin Constant (2022). **Revista Digital do LAV**, v. 16, n. 1, p. 1–18, dez. 2025.

SAWAIA, B. B. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 364–372, set./dez. 2009. DOI: 10.1590/S0102-71822009000300010.

VYGOTSKY, L. S. Fundamentos da defectologia. In: **Obras escogidas**, v. 5. Madrid: Visor, 1997.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. Trad. Eloá L. S. Freitas. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.